

artigo

Imagens do sertão da América portuguesa

Glória Kok

Enquanto o litoral da América portuguesa foi rapidamente mapeado, nomeado e dominado pela Coroa portuguesa no século XVI, as terras interiores, convencionalmente chamadas pelos europeus de "sertão", seguiam pouco exploradas e desconhecidas ao menos até o final do século XVII, ocasião da descoberta de ouro em Minas Gerais. De limites imprecisos, distante do litoral Atlântico e avesso aos raios da administração colonial, o sertão propiciou tanto a projeção de fantasias e de mitos europeus provenientes da Antiguidade e da Idade Média como leituras inusitadas de práticas ameríndias. Além de terras que ocultavam riquezas e tesouros, o sertão desenhado pelos europeus abrigou formas fantásticas de humanidade, que, nascidas no mundo grego, foram difundidas na Europa e migraram para o continente americano. O Novo Mundo, portanto, foi povoado por gigantes, canibais, blêmios, antípodas, ciclopes, amazonas, homens e mulheres calvos e barbudos, entre outros seres exóticos. Tais representações, recorrentes na cartografia do século XVI, serviam de justificativa à conquista e à expropriação das terras indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: América portuguesa; sertão; cartografia.

IMÁGENES DEL SERTÃO DE LA AMÉRICA PORTUGUESA

Mientras la costa de la América portuguesa era mapeada, nombrada y dominada por la corona portuguesa de forma rápida en el siglo XVI, las zonas del interior, convencionalmente llamadas de *sertão* por los europeos, seguían inexploradas y desconocidas al menos hasta el final del siglo XVII, época del descubrimiento de oro en Minas Gerais. De límites imprecisos, distante del litoral Atlántico y contrario a los rayos de la administración colonial, el *sertão* propició tanto la proyección de fantasías y de mitos europeos provenientes de la Antigüedad y de la Edad Media como lecturas inusitadas de prácticas ameríndias. Además de tierras que ocultaban riquezas y tesoros, el *sertão* dibujado por los europeos abrigó formas fantásticas de humanidad que, nacidas en el mundo griego, se difundieron en Europa y emigraron al continente americano. El Nuevo Mundo, por lo tanto, fue poblado por gigantes, canibales, blemios, antípodas, ciclopes, amazonas, hombres y mujeres calvos y barbudos, entre otros seres exóticos. Tales representaciones, recurrentes en la cartografía del siglo XVI, servían como prueba a la conquista y a la expropiación de las tierras indígenas.

PALABRAS CLAVE: América portuguesa;
sertão; cartografía.

IMAGES OF THE PORTUGUESE AMERICA SERTÃO

While the coast of Portuguese America was quickly mapped, named, and dominated by the Portugal monarchy in the sixteenth century, the interior lands, conventionally called by the Europeans as *Sertão*, remained little explored and unknown until at least until the end of the seventh century when gold was discovered in Minas Gerais. With inaccurate boundaries, far from the Atlantic coast and unreachable from the colonial administration, the *Sertão* provided both the projection of European fantasies and myths from Ancient and Middle Ages to unusual readings of Amerindian practices. In addition to lands that hidden riches and treasures, the *Sertão* invented by the Europeans was the place where fantastic forms of humanity existed. Born in the Greek world, these fantasies and myths were first disseminated in Europe, and then spread to the American continent. The New World, therefore, was populated by giants, cannibals, blazes, antipodes, cyclops, amazons, bald bearded men and women, among other exotic beings. Such representations, recurrent in the cartography of the sixteenth century, served as justification to the conquest and the expropriation of indigenous lands.

KEYWORDS: Portuguese America;
sertão; cartography.

1. Visões do Atlântico: terras míticas

A visão implica um ato de escolha e é influenciada pelo que conhecemos ou acreditamos. "Só vemos aquilo que olhamos", diz John Berger (1972, p.8, tradução nossa)¹. Desta maneira, o olhar, que antecede às palavras, não é universal, mas irradia-se de um saber local, que, com seus aportes culturais, gera representações visuais que engendram múltiplos significados e sentidos.

A cartografia europeia é tributária dos conhecimentos geográficos dos gregos: a concepção da esfericidade da Terra; as noções de polos, equador e trópicos; o traçado dos primeiros paralelos e meridianos, a introdução de longitudes e latitudes, entre outros. Todos esses conhecimentos geográficos e cartográficos do Mundo Antigo foram compilados por Cláudio Ptolomeu (90 d.C.-168 d.C.), na obra "Geografia", que registrou 8.000 nomes de lugares com as respectivas coordenadas geográficas. Tais conhecimentos foram retomados, justapostos às concepções medievais de mundo e transmigraram para o Novo Mundo no período das navegações do Atlântico.

A invenção do tipo móvel de Gutenberg (c. 1397-1468), por volta de 1549, viabilizou a socialização da cartografia. Com a imprensa, aparece o cartógrafo como profissão, a cartografia se difunde e tem início o comércio de mapas, que são produzidos principalmente nos grandes centros: Amsterdã, Antuérpia, Paris, Nuremberg, Augsburgo, Basileia, Roma e Veneza.

Durante o Renascimento, depois da criação da perspectiva pelo arquiteto florentino Filippo Brunelleschi (1377-1446) e da descoberta de novas paisagens e gentes no Novo Mundo, a visão do homem "se estendeu extraordinariamente" (CLARK, 1961, p.51).

Nesse processo, os primeiros navegantes europeus que singraram as costas do continente americano trouxeram em suas bagagens repertórios da Antiguidade e da Idade Média, a partir dos quais projetaram e decodificaram mundos desconhecidos. Para eles, geografia, mito, lenda, história e imaginação eram indissociáveis. Como bem observou a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, "os viajantes veem por indícios e ouvem dos índios, sabe-se lá em que língua, o que a Europa procura e antecipa [...]" (CARNEIRO DA CUNHA, 1990, p.92). Como resultado, "O imaginário e as representações constituíram-se campos centrais nas disputas pela materialidade das terras ocupadas por essa população" (SANTOS, 2018, p.95).

Em 1492, o viajante genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) supôs ter encontrado o paraíso terreal nas proximidades da embocadura do Orinoco conforme revelação

das Escrituras. Em seu livro "Visão do Paraíso", o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) observa que Colombo é tributário de velhas convenções eruditas desenvolvidas durante a Idade Média. Soube que em Cibao os homens nascem com rabo e a ilha chamada Martinino, atual Martinica, era só habitada por mulheres (HOLANDA, 1994).

Influenciado também pela obra "Histórias", de Heródoto (484 a.C.-425 a.C.), Colombo povoou o Novo Mundo de sereias, "bons selvagens", canibais, amazonas, e seus costumes exóticos, além de ter vislumbrado as riquezas do Oriente descritas por Marco Polo no continente americano.

Para o entendimento dos gêneros de humanidade do Novo Mundo, os primeiros viajantes tiveram como modelo ao menos duas fontes de informação. A obra medieval inglesa, que relata as viagens de Jean de Mandeville (1356; 1357), combina um relato de peregrinação à Terra Santa com um livro das maravilhas na Ásia. Ao reunir as raças monstruosas de Plínio com os milagres cristãos, reproduz os prodígios da natureza: gentes com cabeça de cachorro, sátiros, amazonas, mulheres calvas e barbudas, mulheres e homens colados uns aos outros, homens de quatro olhos, antípodas, ciclopes, blêmios de olhos e bocas no peito. A outra fonte seria a obra *Liber Chronicarum*, de 1493, escrita por um médico de Nuremberg, Hartmann Schedel (1440-1514), mais conhecida como a popular Bíblia de Nuremberg, que classificou e ilustrou as raças monstruosas da tradição etnográfica grega.

Assim, obras clássicas traduzidas e textos cristãos que tratavam de "raças estranhas" ofereceram modelos descritivos férteis aos viajantes, inclusive na apreensão dos habitantes do sertão. Desse modo, esses "sonhadores acordados" (LE GOFF, 1983, p.266) "inventaram a América" e junto com ela os "americanos" (O'GORMAN, 1992, p.93).

A primeira descrição do "sertão" da América portuguesa foi feita por Pero Vaz de Caminha (1450-1500), o escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral (1467-1520), no dia 1º de maio de 1500, nos seguintes termos:

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender os olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas, infindas. (CORTESÃO, s.d., p.240).



Assim como Colombo, Caminha buscou na natureza edênica da vastidão dos arvoredos, entrecortada pelos bons ares e águas infindas, os metais preciosos.

Supondo estar perto do Paraíso terrestre, dada a exuberância da natureza sob o Trópico de Capricórnio, o cosmógrafo florentino Américo Vespúcio (1451-1512) associou a visão do paraíso à exploração mercantil do Novo Mundo:

Metais nenhum aí se encontram, exceto o ouro do qual há abundância, se bem que desta viagem nenhum conosco trouxemos; mas dele deram-nos notícia dos habitantes afirmando que nos sertões havia muito, mas que não o estimavam nem o apreciavam. (VESPÚCIO, 1984, p.69).

Na carta de Vespúcio, de 1502, desfilam, pela primeira vez nos escritos europeus, algumas cenas do ritual antropofágico praticado pelos índios: "gente belicosa, e entre eles muito cruéis [...] e despedaçam os inimigos e os comem" (VESPÚCIO, 1984, p.71). Os relatos de Vespúcio e, mais tarde, do aventureiro alemão Hans Staden (c.1525-c.1576), difundiram e popularizaram as imagens dos "índios canibais".

Outra vertente mítica que emergiu nos relatos do sertão foi a formulação de uma Ilha-Brasil, circundada pelo Oceano e por dois grandes rios que desembocavam num lago no coração do território. Modelado pela geografia medieval, este mito representava o espaço como um mundo fechado, sem comunicação.

O jesuíta Simão de Vasconcelos (1597-1671), em sua "Crônica da Companhia de Jesus", escrita em 1661, elaborou uma fantasiosa geografia com base nas informações indígenas, delimitando as fronteiras do domínio luso por intermédio dos rios Amazonas e Prata como "duas chaves que fecham a terra do Brasil" (CORTESÃO, 1958, p.41).

O historiador e cronista português Pero Magalhães Gandavo (1540?-1579), natural de Braga, aludiu, em 1576, à existência de um lago "no íntimo da terra", do qual se originara o Rio São Francisco, "onde afirmão que há muitas povoações, cujos moradores (segundo fama) possuem grandes haveres de ouro e pedraria" (GANDAVO, 1980, p.84).

Nas primeiras décadas do século XVI difundiu-se o mito do *Eupana*, cujo topônimo espanhol é Dourado. Os historiadores Carmen Bernand e Serge Gruzinski afirmam que a lenda do Eldorado surgiu provavelmente na Índia, transmigrou para a África imantada pelo fabuloso "rio do ouro" do Sudão (BERNAND; GRUZINSKI, 1997, p.606), e de lá para a América, motivando numerosas expedições para o sertão.

Para Sérgio Buarque de Holanda, o mito nasceu na conquista de Quito pelos homens de Sebastián de Belalcázar (1480-1551) em razão de um ritual em que um chefe indígena mergulhava diariamente numa lagoa, depois de ter o seu corpo polvilhado de ouro em pó (HOLANDA, 1994). O responsável pela difusão do mito de Eldorado foi o conquistador espanhol Diego de Ordaz (1480-1532), que, em 1531-1532, soube de um lugar fantástico, rico em ouro e pedras preciosas. "Sua localização (entre Peru e Colômbia) foi influenciada pela cultura pré-colombiana Chibcha — também denominada Muisca." (LANGER, 1997, p.28).

O antropólogo Neil Whitehead, ao interpretar *The discoverie of the large, rich and beautiful Empire of Guiana* [...], do explorador inglês Walter Raleigh (c.1552-1554), publicado em 1848, mas escrito entre 1595 e 1596, chama a atenção para práticas nativas que embasaram as narrativas europeias.

Há agora uma boa razão para pensar que grande parte do relato que Raleigh fornece reflete acuradamente a complexidade e a sofisticação da política dos nativos

"Alexandre encontra os Blêmios", c. 1420. Detalhe de uma miniatura do manuscrito da British Library Royal. Fonte: Disponível em: <www.bl.uk/collection-guides/royal-manuscripts>. Acesso em: jun. 2019.

As formas monstruosas de humanidade foram compiladas pelo médico Hartmann Schedel, que incorporou os conhecimentos que eram divulgados nesse período. Fonte: SCHEDEL, 1493, folium XII.

Secunda etas mundi

Folium XII



O E hominib⁹ diuersar⁹ formar⁹ dicit Pl⁹. li. vij. ca. ij. Et Aug. li. xvi. de ci. dei. ca. vij. Et Ipsi dorus Ethi. li. xi. ca. iij. oia q̄ sequuntur in india. Cenocephali homines sunt canina capita habentes cū latratu loquuntur aucupio viuūt. vt dicit Pl⁹. qui omnes vesciuntur pellibus animalū.

Licoples in India vnu oculum hnt in fronte sup nasum hij solas ferarū carnes comedūt. Ideo agriofagite vocātur supra nasomonas confinesq; illorū homines esse: vtriusq; nature inter se vicibus coeūtes. Calliphanes tradit Arestotiles adijcit dextram māmam n̄s virilem leuam muliebrem esse quo hermafroditas appellamus.

Serunt certi ab oriētis pte intima esse homines sine naribus: facie plana eq̄li totius corpis planicie. Alios supiore labro orbis. alios sine linguis et alij cōcreta ora esse modico foramine calamus auenarū potū hauriētes.

Item homines habentes labiū inferius. ita magnū vt totam faciem contegant labio dormientes.

Item alij sine linguis nutu loq̄ntes siue motu vt monachi.

Dannothi in scythia aures tam magnas hnt. vt contegant totum corpus.

Artabrite in ethiopia p̄ni ambulāt vt pecora. et alij qui viuūt p̄ annos. xl. quē nullus supgreditur.

Satiri homūciones sunt aduncis naribus cornua i frontibus hnt et caprarū pedibus similes qualē in solitudine sanctus Antonius abbas vidit.

In ethiopia occidentali sunt vnipedes vno pede latissimo tam veloces vt bestias insequantur.

In Scythia Ipopedes sunt humanā formas eq̄nos pedes habentes.

In affrica famulias quasdā effasariū Ifigonus et Demphodoros tradūt quaz laudatōne intereāt p̄ bata. arecāt arbores: emoriātur infantes. esse eiusdem generis in tribalis et illirij adijcit Ifigon⁹ q̄ visu quoq; effastinent iratis p̄cipue oculis: quod eorū malū facilius sentire puberes notabil⁹ esse q̄ puillas binas in oculis singulis habeant.

Item hoies. v. cubitoz nūq; infirmi vsq; ad mortes hęc oia scribūt Pl⁹. Aug. Ili. Preterea legit i gess Alexandri q̄ i india sunt aliq; hoies sex man⁹ hntes.

Item hoies nudi et pilosi in flumine morātes.

Item hoies manib⁹ et pedib⁹ sex digitos habentes.

Item apothami i aqs morantes medij hoies et medij caballi.

Item mulieres cū barbibus vsq; ad pect⁹ h capite plano sine crinibus.

In Eriopia sunt hoies formosi et collo gruno cū rostris aialium boimq; effigies mōstriferas circa extremitates gigni mime mirū. Artifici ad formanda corpora effigiesq; celandas mobilitate ignea.

Antipodes. at eē. i. hoies a p̄ria pte terre vbi sol orit q̄n occidit nob aduersa pedib⁹ n̄ris calcare vestigia nulla rōe crededū ē vt ait Aug. 16. de ci. dei. c. 9.

In gēs tñ b pug lraz p̄traq; vulgi opioez circūfundi terre hoies vndiq; couersisq; iter se pedib⁹ stare et cū celsilem eē celi v̄tice. De silij mō ex q̄cūq; pte mediā calcari. Cur at n̄ decidāt: mirēf et illi nos n̄ decidere: nā em repugnāte: et quo cadāt negāte vt possint cadere.

Nā sic ignis sedes nō ē nisi i ignib⁹: agrū nisi i aqs. spūs nisi in spū. Ita terre arcentibus cūctis nisi in se locus non est.





Dise Figur anzeigt uns das Folk und Insel [...], da obra Mundus Novus, atribuída a Vespúcio e edição atribuída a Johann Froschauer, Augsburg, 1505. A mais antiga xilogravura que se conhece dos índios brasileiros, provavelmente inspirada na carta de Vespúcio de 1502. Fonte: BELUZZO, 1994, p.19.

da Guiana no final do século XVI, incluindo a produção de ouro e sua distribuição no rio Amazonas. [...] O mito El Dorado aparentemente se refere a uma variedade de práticas culturais ameríndias que são relacionadas apenas em virtude de serem agrupadas juntas sob esta rubrica geral [...]. (WHITEHEAD, 1995, p.60, tradução nossa).

Do mesmo modo, o mito das Amazonas, longe de ser apenas uma fantasia do mundo europeu, remeteria a certos grupos amazônicos, nos quais as mulheres exerceram papéis centrais na organização social e política, como, por exemplo, as sociedades indígenas de Santarém e da ilha de Marajó. Verifica-se, portanto, no contexto dos relatos coloniais a confluência de crenças europeias e ameríndias. "Os séculos XVI e seguintes experimentam a abertura do mundo conhecido até outras fronteiras, é o momento em que as viagens tem aberto a perspectiva a outras formas da experiência humana e social, do espaço e do tempo", afirma a historiadora Ana Pizarro (2009, p.56, tradução nossa).

No entanto, à medida que as expedições transitavam pelo sertão, novos espaços foram conquistados a serviço da Coroa para garantir o domínio das terras e gentes da América portuguesa, enquanto o imaginário do sertão deslocava-se para outras paragens desconhecidas. No século XVIII, o jesuíta Padre João Daniel (1722-1776) localiza uma lagoa de Ouro na Amazônia: "Para cima do rio Negro, ou pela sua altura, ou entre ele e o grande rio Japorá, se discorre estar o celeberrimo lago de Ouro, e cidade Manoa, por cujo descobrimento se têm cansado muitos aventureiros; porém ninguém dá com ele ao mesmo tempo que todos afirmam a sua existência" (DANIEL, 2004, p.408).

Na perspectiva do historiador Guilherme Giucci,

a única fonte verdadeira e confiável de conhecimento do Novo Mundo apoia-se na experiência pessoal. E a experiência do desconhecido e ameaçador implica uma reavaliação profunda da série de conceituações imaginárias erigidas a partir da ilusão. (GIUCCI, 1992, p.239).

Deste modo, o sucesso da experiência do sertão dependia basicamente do conhecimento dos acervos culturais indígenas.

2. A cartografia ameríndia

O padre jesuíta Fernão Cardim (1540-1625) registra que os índios enxergam e ouvem a léguas de distância, regem-se pelo sol e andam "duzentas e trezentas léguas, por matos espessos sem errar ponto [...]" (CARDIM, 1980, p.95). Assemelham-se, deste modo, aos

bichos do mato, porque entram pelo sertão a caçar despidos e descalços sem medo nem temor algum. Veem sobre maneira, porque à légua enxergão qualquer cousa, e da mesma maneira ouvem; atinão muito; regendose pelo sol, vão a todas as partes que querem, duzentas e trezentas léguas, por matos espessos sem errar ponto, andão muito, e sempre, de galope, e principalmente com cargas, nenhum a cavalo os póde alcançar: são grandes pescadores e nadadores, nem temem mar, nem ondas, e aturão um dia e noite an-

"Parte americana do planisfério feito em Arques", Pierre Desceliers, França, 1546. Este mapa revela cenas da vida indígena, guerras de conquista e antípodas divididos pela linha do Equador.

Fonte: ADONIAS, 1993, p.34.



Nieuwe Carte, Jodocus Hondius, 1598. No mapa da Guiana, destacam-se o blêmio e a mulher amazonas.

Fonte: Disponível em: <www.bbm.usp.br/pt-br/>. Acesso em: jun. 2019.



artigo



"América do Sul",
Diogo Homem, 1568.
Na parte superior,
está representado o
Canibal e, na parte
de baixo, os gigantes
da Patagônia.
Fonte: ADONIAS,
1993, p.34.

A cartografia
indígena,
ramificada na
experiência,
nos sentidos,
na tradição,
na memória e
na narração,
caracteriza-se
pela transmissão
oral e gestual,
o sentido
polissêmico
do espaço

dando, e o mesmo fazem remando e às vezes sem co-
mer. (CARDIM, 1980, p.95).

Destros na observação do sol, dos astros e dos rastros, o
sentido de orientação dos "naturais da terra" era preciso
e apurado, em decorrência de uma aguda capacidade de
percepção da geografia, da topografia e da natureza da
América portuguesa (KOK, 2009).

Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), rico proprietário
de terras e escravos da Bahia, também faz referência
à notável capacidade de orientação dos Tupinambá do
século XVI.

Tem os tupinambás grande conhecimento da terra por
onde andam pondo o rosto no sol, por que se gover-
nam, com o que atinam grandes caminhos pelo de-
serto que nunca andaram, e mais adiante, costuma
esse gentio, quando anda pelo mato, sem saber novas
do lugar do povoado, deitar-se no chão e cheirar o ar,
para ver se lhe cheira o fogo, o qual conhece pelo faro
a mais de meia légua [...]. (SOUSA, 1987, p.319-320).

Menciona também o caso de dois tupinambás que, con-
duzidos por mar da Bahia para o Rio de Janeiro, dali
fugiram e regressaram isoladamente para a sua aldeia,
vencendo cerca de 300 léguas (SOUSA, 1987).

A habilidade cartográfica dos ameríndios foi registra-
da por muitos estudiosos. O médico naturalista alemão
Karl Von den Steinen (1855-1929) afirma que um Suiá de-

senhou na areia parte do curso do Alto Xingu, com nu-
merosos afluentes e indicação de treze tribos ribeirinhas
(HOLANDA, 1989, p.23).

Esboços minuciosos da localização das aldeias do Ta-
pirapé, desenhados por um Carajá, foram utilizados pelo
etnólogo Fritz Krause (1881-1963) como fonte para a lo-
calização de tribos do sertão do Mato Grosso (HOLANDA,
1989, p.23).

Conta o doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-
1815), enviado pela Metrópole para explorar a Amazônia
e o Alto-Paraguai, de 1783 a 1792, que um índio morador
no Rio Branco formou com uma corda de piaçá o tronco
do rio principal com os seus tributários e sinalizou com
nós as aldeias de índios. Na mesma região, um Macuxi
desenhou com um bastão na areia o mesmo rio. O na-
turalista convidou-o a repetir o traçado no papel, ao que
ele se prestou, riscando um mapa, "onde as cordilheiras
eram marcadas por sucessivas séries de ângulos mais
ou menos agudos e as malocas dos gentios, por círculos
maiores ou menores" (CORTESÃO, s.d., p.28), convenções
semelhantes às utilizadas atualmente.

Para o historiador Jaime Cortesão (1884-1960), os
ameríndios desenvolvem uma visão telescópica, capaz de
entrever à distância vultos ou acidentes, além uma extra-
ordinária memória visual (CORTESÃO, s.d., p.23). O capu-
chinho francês Yves d'Évreux (1577-1632) comenta que os
Tupinambá do Maranhão, no início do século XVII, repro-
duziam com a ponta do dedo na areia exatamente o que
viam e ouviam (D'ÉVREUX, 1929).

Segundo a historiadora norte-americana Bárbara
Belyea, as direções espaciais (norte, sul, leste e oeste) são
simplificadas e até mesmo ignoradas nos mapas ame-
ríndios, porque a chave de leitura não se fixa em pontos
localizados no espaço, mas traça um padrão contínuo de
uma geografia a outra, como se fosse uma narrativa. É
a intersecção, portanto, que determina o desenho carto-
gráfico (BELYEA, 1998, p.141).

Assim, a cartografia indígena, ramificada na experiên-
cia, nos sentidos, na tradição, na memória e na narração,
caracteriza-se pela transmissão oral e gestual, o sentido
polissêmico do espaço, a preocupação com a forma e a
representação do espaço feita em desenhos, bidimensio-
nais ou tridimensionais, impressos sobre múltiplos supor-
tes: areia, papel, pele, tecido, cipó, entre outros. Inscre-
ve-se no campo que o antropólogo Claude Lévi-Strauss
(1908-2009) definiu, em "O pensamento selvagem", como
"ciência do concreto", baseada em modos de observação
e de reflexão a partir da "organização e da exploração
especulativa do mundo sensível, em termos de sensível"



"Mapa ameríndio de trecho do médio rio Tocantins e região adjacente com as missões do Duro", meados do século XVIII. Fonte: ADONIAS, 1993, p.113.

(LÉVI-STRAUSS, 1997, p.31). Para tanto, traduz um profundo e detalhado conhecimento dos territórios, privilegiando, de um lado, o sentido das narrativas e, de outro, as representações detalhadas e precisas da geografia e da topografia do sertão, tais como o tamanho das montanhas, as formas dos lagos, as curvas, pedras e correntes dos rios, os locais de caça e de pesca, a classificação das árvores e das ervas, a localização das aldeias indígenas e assim por diante. Tal acervo ameríndio contribuiu, de modo incisivo, para que os paulistas conseguissem decifrar o sertão americano durante os três primeiros séculos da colonização portuguesa.

3. O sertão: "remédio para pobreza"

No período que antecedeu à chegada dos europeus, os nativos demarcavam fronteiras fluidas de seus territórios, quer pelos ciclos da coleta, caça e agricultura, quer pelos limites geográficos estabelecidos e conhecidos por todos os membros da tribo (HEMMING, 1984, p.501).

Agentes da colonização (bandeirantes, missionários, militares, burocratas, comerciantes e aventureiros) redefiniram as fronteiras indígenas nas zonas de contato, de modo a demarcar um domínio territorial das etnias em seus mapas e interromper o sistema de comunicação que havia entre elas. "Os cartógrafos usaram mapas não apenas para mudar ou desafiar as reivindicações de potências européias em disputa, mas também para diminuir, até mesmo negar, a presença de povos indígenas na terra", analisa Gregory Nobles (1977, p.61).

Nos séculos XVI e XVII, enquanto boa parte dos adventícios que viviam nas capitanias da América portuguesa se contentava em "andar arranhando ao longo do mar como caranguejos", conforme observou Frei Vicente Salvador (1564-c.1636), os habitantes da vila de São Paulo aventuraram-se "em partes e desertos de sertões muito prolongados" (SALVADOR, 1982, p.58).

A posição geográfica específica de São Paulo, cujo árduo caminho para o litoral vertia das íngremes encostas da serra do Mar, favorecia a situação de "boca do sertão" através dos rios Tietê e Paraíba do Sul.

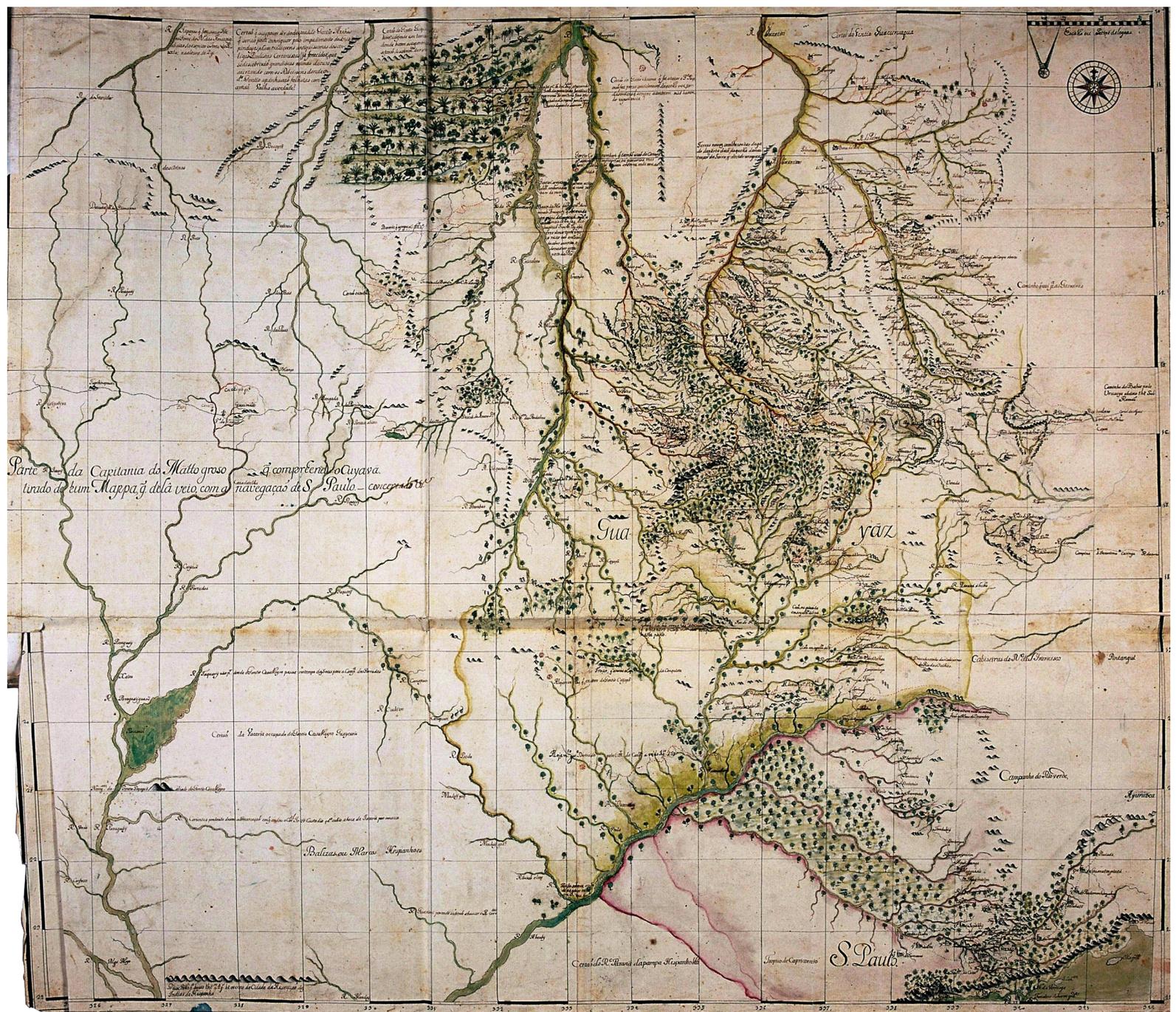
O sertão imantava todas as atividades dos moradores de São Paulo, uma vez que o comércio de escravos indígenas sustentou a economia paulista até, pelo menos, as primeiras décadas do século XVIII. Segundo o histo-

riador John Monteiro, "a penetração dos sertões sempre girou em torno do mesmo motivo básico: a necessidade crônica de mão de obra indígena para tocar os empreendimentos agrícolas dos paulistas e para o transporte de mercadorias" (MONTEIRO, 1994, p.57). Estima Sérgio Buarque de Holanda que a população indígena da vila de São Paulo de meados do século XVII superava 83% do total da população (1966, p.87).

Assim, os paulistas, descendentes de índios em sua maioria, buscavam o "remédio para a pobreza" no sertão, capturando índios para vendê-los como escravos. Os bens do sapateiro Damião Simões, que aparecem no inventário de 1578, se reduzem a algumas peças de algodão, um tinteiro, botas de porco, canos de sapato de mulher, restos de couro e bacias de estanho. Homens de poucos recursos, contava, entretanto, com quatro escravos tamoios para lhe garantir a faina diária, sendo um moço "dos novos", duas mocinhas e uma velha (INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS, 1920, p.4). Esse exemplo ilustra o forte contingente de escravos indígenas existente entre os paulistas. "Os moradores não podem viver sem o sertão" (MACHADO, 1980, p.231), explicam os oficiais da Câmara de São Paulo em meados do século XVII. A viúva Maria Vitória, em 1646, solicitou ao filho Gervásio da Vitória que lhe trouxesse o "remédio como o pai o fazia" a que o filho acudiu com "algum gentio guaianá" (INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS, 1920, p.166).

As expedições para o sertão seguiam, geralmente, as veredas indígenas, que comunicavam aldeias e povoados e privilegiavam rios piscosos e locais de caças abundantes. No entanto, os testamentos paulistas registram que nos sertões estéreis "de contínuo morre gente à fome" (MACHADO, 1980, p.238). Onças, mosquitos, cobras, formigas, carrapatos e bichos de pé faziam parte do flagelo diário dos viandantes. Mas nada era tão temido quanto os ataques indígenas.

Nas primeiras décadas do século XVIII, os integrantes da bandeira do Alferes José Peixoto da Silva Braga viram-se obrigados a dormir em ilhas, "enterrados na areia por medo do gentio, que era inumerável" (TAUNAY, 1981, p.137). Já o astrônomo Francisco José de Lacerda e Almeida (1753-1798), ao deixar Vila Bela com destino a Cuiabá, no ano de 1786, enfrentou grandes dificuldades pelo caminho. Noites a fio, os integrantes da expedição dormiram em pousos molhados, em canoas flutuando sobre as águas ou nos altos das árvores, sem terras nem mesmo para fazer a ceia. (ALMEIDA, 1944, p.40-41)



“Parte da Capitania do Mato Grosso q. comprehende o Cuyabá tirado de um mappa q. della veio com a navegação de S. Paulo”. Este manuscrito do século XVIII sintetiza informações que fornecem um panorama da situação da Capitania do Mato

Grosso em meados do século XVIII. A representação do espaço é feita com o apoio de textos narrativos. Os rios, os relevos e a vegetação são cuidadosamente traçados e já bem conhecidos dos sertanistas. O grande interesse do mapa reside no fato de ele significar

uma espécie de radiografia da conquista dos povos indígenas da região, sinalizando a localização das etnias e as investidas contra os grupos hostis. Além disso, o mapa aponta tanto para o estabelecimento de novas frentes de expansão na

região, como as fazendas e núcleos de mineração, como para a questão da demarcação das fronteiras entre Portugal e Espanha. Fonte: MANUSCRITO..., s.d.

Os "americanos",
portanto, nasceram
desse complexo
processo de
desvendamento do
outro, a partir dos
repertórios mentais
e culturais da
Idade Média e da
Antiguidade, que, à
luz da experiência
e do contato,
ganharam diversos
rótulos étnicos

ram os signos da colonização: fazendas, arraiais, vilas, fortes, presídios, minas de ouro, registros de quilombos e de aldeias indígenas, aliadas ou hostis. Nos roteiros e mapas, a serviço da Coroa portuguesa, o espaço do sertão foi gradativamente ordenado, medido, delimitado e fixado.

4. Considerações finais

Se nos séculos XVI e XVII, os ameríndios foram projetados como "raças monstruosas" (WHITEHEAD, 2005, p.223), no século XVIII, sob a influência do Iluminismo, emergem as categorias de "nação" e "raça", nas quais foram inseridos os grupos étnicos da América. Cada um deles foi tomado como uma unidade fechada e homogênea, portadora de uma mesma língua e de uma mesma identidade, para o qual foi atribuído um território determinado, distribuído no mapa ao lado das referências da "civilização" ibérica (vilas, fazendas, missões, igrejas, fortes, minas de ouro). Cada um deles foi considerado, na ordem colonial, em relação a um grupo oposto, tomado em decorrência das alianças e inimizades criadas no tempo da conquista, como Tupinambá e Tupiniquim, Potiguar e Caeté, Tupi e Tapuia (MONTEIRO, 2001, p.172).

Os "americanos", portanto, nasceram desse complexo processo de desvendamento do Outro, a partir dos repertórios mentais e culturais da Idade Média e da Antiguidade, que, à luz da experiência e do contato, ganharam diversos rótulos étnicos durante a conquista. Na expres-

são de Miguel Alberto Bartolomé, as etnias ganharam "rótulos étnicos generalizantes" (BARTOLOMÉ, 2006, p.44) e criaram, apesar da violência da conquista, novos sujeitos coletivos e identidades indígenas.

O incremento da agricultura e do comércio que se verificou em São Paulo nas primeiras décadas do século XVIII proporcionou a formação de uma elite, regida por códigos estamentais pautados no modelo ibérico, que marginalizou radicalmente índios e mamelucos. "É todo um estilo de vida e predominância de um código de honra e de valores que pode ser sintetizado na expressão 'viver à lei da nobreza'", analisa Ilana Blaj (1995, p.177).

No mercado dualismo da sociedade de escravos e senhores, a indumentária era o signo exterior da diferenciação social. O luxo das vestimentas foi notado pelo então governador da Capitania de São Paulo (1765-1775), D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, 4º Morgado de Mateus (1722-1798): "aqui os brancos vestem o melhor veludo, e ninguém traz senão Olanda; tudo isto compra-se fiado, ao depois estuda-se para se pagar" (PUBLICAÇÃO OFICIAL DE DOCUMENTOS INTERESSANTES, 1895, p.381).

Em contraposição, a maior parte da população formada por índios e mestiços era desclassificada e marginalizada do sistema produtivo. A pobreza era tanta no bairro de São Roque que "se vierão confessar com o padre 30 ou 40 homens, ou ainda mais, número muito avultado só com huma única vestia, que hiam vestindo sucessivamente huns depois dos outros" (PUBLICAÇÃO OFICIAL DE DOCUMENTOS INTERESSANTES, 1895, p.2). Sujeitos à violência das autoridades coloniais, que os requisitavam para os serviços pesados ou para as frentes de conquista militar, adotaram a dispersão e a itinerância como forma de sobrevivência (KOK, 2004).

Como procuramos demonstrar, as explorações do sertão da América portuguesa propiciaram a formação e o enriquecimento de uma elite paulista, que, quando sedimentada sobre uma economia vigorosa, rompeu, em definitivo, com os padrões culturais do mundo indígena e da população mestiça. A partir da segunda metade do século XVIII, a construção de imagens negativas e preconceituosas tornaram-se comuns. Em carta, escreve o Morgado de Mateus ao Conde de Oeiras:

Os mestiços da Capitania de São Paulo viviam "fora do povoado, metidos pelos mattos, sem ouvirem mais que a sua família, faltos de instrução, e de doutrina, e até dos primeiros princípios da nossa Fé, que hão de ser senão peyores do que feras, porque estas por falta de aptidão, e de discurso podem fazer um damno se-

melhante; mas os homens dotados de talento, abandonados à ley da natureza e cercados entre as brenhas como feras, são capazes de outros mayores danos; e quando o não fazem se não pode esperar deles utilidade alguma, nem para o Reyno do Céu, nem para o de S. Magestade que Deos Guarde. (PUBLICAÇÃO OFICIAL DE DOCUMENTOS INTERESSANTES, 1895, p.383).

Banindo, definitivamente, as influências dos universos culturais indígenas e mestiços, a elite soube incorporar, com muita propriedade, os ideais ibéricos de "limpeza de cor" e de expurgo social das chamadas "raças infectas", as quais abrangiam todos os descendentes de índios, negros, mulatos, mouros e judeus.

AUTORA

Glória Kok é graduada em Filosofia (1984) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, fez mestrado (1993) e doutorado (1998) em História Social na mesma instituição, pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Unicamp (2006-2011), pós-doutorado no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (2013-2015) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP (2016-2018). Pesquisa nas áreas de História Colonial, Antropologia, História Indígena e do Indigenismo, História de São Paulo, História da Amazônia e Coleções etnográficas e iconográficas. Atualmente, inicia a participação em um grupo de pesquisa, com a Profa. Amália dos Santos: "Arqueologia de São Paulo: o Cemitério dos Aflitos (1775-1858) e outros territórios negros da cidade nos séculos XVIII e XIX", que se desenvolverá na Escola da Cidade. Além disso, trabalhou no projeto de remodelação do Museu da Imigração do Estado de São Paulo (2013-2014) e foi curadora, junto com Francis Lee, da exposição "O olhar de Hercule Florence sobre os índios brasileiros" (2015).

NOTAS

1. *Yet this seeing which comes before words, and can never be quite covered by them, is not a question of mechanically reacting to stimuli. (It can only be thought of in this way if one isolates the small part of the process which concerns the eye's retina). We only see what we look at. To look is an act of choice.* (BERGER, 1972, p.8).

REFERÊNCIAS

- ADONIAS, Isa (org.). **Mapa:** imagens da formação territorial brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.
- ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. **Diários de viagem.** Nota-prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Publicação oficial de documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo**, vol. XXIII. Arquivo do Estado, 1895.
- _____. **Inventários e testamentos.** Papéis avulsos que pertenceram ao Primeiro Cartório de Órfãos da capital. Tomo I. Publicação Oficial do Arquivo do Estado, 1920.
- BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. **Mana**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.39-68, abr. 2006.
- BELUZZO, Ana Maria. **Imaginário do novo mundo.** São Paulo: Fundação Odebrecht, 1994.
- BELYEA, Bárbara. **Inland Journeys**, Native Maps. In: LEWIS, Malcolm (Ed.). **Cartographic Encounters.** Perspectives on Native American Mapmaking and Map Use. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1998, p.135-157.
- BERGER, John. **Ways of Seeing.** London: Penguin Books, 1972.
- BERNARD, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **O Novo Mundo:** da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550). Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1997.
- BLAJ, Ilana. **A trama das tensões:** o processo de mercantilização de São Paulo colonial. 1995. Tese (Doutorado em História) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1995.
- CARDIM, Fernão. **Tratado de Terra e Gente do Brasil** [1584]. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Imagens de índios do Brasil: o século XVI.** **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v.4, n.10, p.91-110, set./dez. 1990. Disponível em: <dx.doi.org/10.1590/S0103-40141990000300005>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- CLARK, Kenneth. **A paisagem na arte.** Trad. Rijo de Almeida. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.
- CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos Velhos Mapas.** Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco, s.d.
- _____. **Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1958.
- DANIEL, João Padre (1722-1776). **Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas**, v.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- D'ÉVREUX, Yves. **Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614.** Tradução, introdução e notas de Fernando Diniz. Rio de Janeiro: Depositário Freitas Bastos e Livraria Leite Ribeiro, 1929.
- FRANÇA, Susani. **Viagens de Jean de Mandeville.** São Paulo: EDUSC, 2007.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da Província de Santa Cruz.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso:** o Novo Mundo. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário:** sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HEMMING, John. **Índias and the Frontier in Colonial Brazil.** In: BETHELL, Leslie. **The Cambridge History of Latin America**, v.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p.501-546.
- HERÓDOTO. **História.** Madrid: Cátedra, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Movimentos da população de São Paulo no século XVIII.** São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v.1, p.55-111, 1966.
- _____. **Caminhos e Fronteiras.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. **Visão do Paraíso:** os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- KOK, Glória. **O sertão itinerante:** expedições da Capitania de São Paulo no século XVIII. São Paulo: Fapesp/Hucitec, 2004.
- _____. **Vestígios indígenas na cartografia da América portuguesa.** **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.17, n.2, jul./dez. 2009.
- LANGER, Johni. **O mito do Eldorado:** origem e significado no imaginário sul-americano (século XVI). **Revista de História**, São Paulo, n.136, p.25-40, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval.** Trad. José Antônio Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** 2. ed. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Editora Papirus, 1997.
- MACHADO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante.** Introdução Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- MANUSCRITO da Coleção Yan de Almeida Prado **Mapas, estatísticas e alguns desenhos reunidos em um volume:** século XVIII. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, s.d.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra:** índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **Tupis, tapuias e historiadores.** 2001. Tese (Livre-Docência) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2001.
- NOBLES, Gregory H. **American Frontiers:** cultural encounters and continental conquest. New York: Hill and Wang, 1977.
- O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América:** reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. Trad. Ana Maria Martinez Corrêa e Manoel Lelo Belloto. São Paulo: Edunesp, 1992.
- PIZARRO, Ana Irene. **Amazonía, el río tiene voces:** imaginario y modernización. Chile: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: Edusc, 1999.
- PTOLOMEU, Cláudio. **Geografia.** Library of Congress. Disponível em: <www.wdl.org/pt/item/10664/>. Acesso em: 05 mai. 2019.
- SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil: 1500-1627.** 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982.
- SANTOS, Amália Cristóvão dos. **Sertão e deserto:** aproximações entre o Império do Brasil e a República da Argentina no início do século XIX. **América — Revista de Pós-Graduação da Escola da Cidade**, São Paulo, n.1, p.92-103, dez. 2018.
- SCHADEL, Hartmann. **Liber Chronicarum**, 1493. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**, edição comentada de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.
- TAUNAY, Affonso de E. **Relatos sertanistas.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.
- VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo.** Trad. Luiz Renato Martins. Porto Alegre: LP&M, 1984.
- WHITEHEAD, L. Neil. **The Historical Anthropology of Text.** **Current Anthropology**, v.36, n.1, p.53-74, fev. 1995.
- _____. **Black Read as Red. Ethnic Transgression and Hybridity in Northeastern South America and the Caribbean.** In: RESTALL, Matthew (Ed.). **Beyond Black and Red.** Albuquerque: University of New Mexico Press, 2005, p.223-243.